

O OBRERO

Anno I

Lisboa, 1 de Março de 1896

Numero 4

Caricaturas de Celso Herminio — Chronica de João Chagas



Pela estrada fóra!

Aux armes, citoyens!
Formez vos bataillons!
Marchons,
Marchons,
Qu'un sang impur
Abreuve nos sillons.



Symphonia

Nós os escriptores accitamos ás vezes responsabilidades que não lembram ao Diabo. Eis-me, por exemplo, a mim, publicista de rua, pamphletario de praça publica, advogado ao ar livre de todas as causas funestas da Multidão, de braço dado com um artista novo, attrahente, vindo o outro dia para a vida, fresco como uma alface, ardendo em febres de glorias, e desejando, entre mil coisas que elle mesmo não sabe—rir. Eis-me, ao mesmo tempo, com um publico inteiramente novo para mim: desapaixonado e indiscreto, sceptico e trocista, n'uma palavra, com esse publico *flâneur* que é geralmente o publico dos jornaes de caricaturas, que nada quer, nada pretende, a não ser que o divirtam.

Mas isto não basta.

Taes elementos de collaboração e de critica—este artista moço e de bom humor e este publico faminto de diversões, dão-me este thema funebre—A Vida Portugueza, e eu, insensato e imprudente, acquiesço, dou o braço a um, annuncio-me a outro e quando caio em mim, quando reconsidero, quando reconheço que não póde ser, que semelhante tarefa não é para a minha penna, já não ha remedio, já é tarde. O panno sobe e sou apanhado no palco a cochichar com o caricaturista.

Estamos pois, em presença de factos consummados, e o publico que se surprehender vendo-me aqui, do alto d'este reducto de papelão, a bombardear as gentes e as coisas que passam, tem pois que

me accitar, não como ao Pierrot jovial que acompanha sempre estes Arlequins da caricatura nos perpetuos carnavaes da *blague*, senão e irremediavelmente, como ao *facto consummado*.

Dentro d'esse jornal sou um absurdo. Só por violencia se concebe que eu aqui esteja. Mas entre a necessidade de ficar e a impossibilidade de fugir, tome-se esta resolução desesperada—fiquemos.

O que ha a fazer?

Rir.

Vejamus como.

*
* *

Para nos divertirmos e fazer rir os leitores d'este semanario, temos um completo sortimento de calamidades publicas, taes como a Emigração, a Divida, a Reacção e o Papel Moeda, a Alliança Inglesa, o Parlamento, a Guarda Municipal e o sr. João Franco, a Intendencia de policia, o Codigo de Justiça Militar, o 321 e as *Novidades*, o Symbolismo, o Hymno da Carta, as Expedições á India e às Colligações Liberaes.

Isto quanto aos factos.

Quanto aos homens esperamos que elles continuem secundando-nos na nossa tarefa— e desde o chefe do Estado, que não é assumpto para alegrias, até ao sr. Sergio de Castro, que é motivo da mais franca hilaridade, desde o sr. Marianno de Carvalho, que faz sorrir; até o sr. Emygdio Navarro, que faz córar, contamos que não prejudiquem a nossa expectativa, reservando-nos, como de direito, a garantia de os indicarmos nas nossas discretas allusões sob disfarces graciosos que nos ponham ao mesmo tempo a coberto das inclemencias da Lei, e do desagrado do publico que tanto os preza.

Permittir-nos-hemos, uma vez por outra, representar o primeiro magistrado da nação sob o seu disfarce familiar de homem de sociedade, já na praça publica, onde tão frequentemente se nos mostra, domando com galhardia os seus admiraveis ginetes, já nos circos estimulando com a sua presença os espectaculos nacionaes por excellencia, já no theatro admirando as obras primas de Chueca e Valverde, já nos seus coutos, luzindo a sua destreza como soberbo atirador que é, já finalmente em palacio, todo consagrado ás artes e á litteratura con-

temporanea que tanto versa, ouvindo o conselho prudente dos aulicos e collaborando na resolução dos mais difficeis problemas da administração publica. Uma ou outra vez daremos igualmente á estampa a figura de algum dos clavicularios do Theousoiro, ora na tunica branca da mulher de Cesar, como convem áquelles que melhór que tudo zelam a sua honra, ora, como Hippocrates, recusando com dignidade os presentes de Artaxerxes. Á cabeça pouco nobre do chefe da situação daremos um fulgor de genio, e da frente do actual ministro do reino levantaremos cautellosamente aquella desagradavel mecha de cabellos que o ha de acompanhar á Historia, substituindo-a, já se vê, pelo diadema de folha de Flandres, a que tem jus. Alteraremos, como convem, alguns detalhes da *toilette*, pouco severa, do ministro dos negocios estrangeiros e tentaremos, com o auxilio do publico, dar maior verticalidade á espinha dorsal do ministro das obras publicas. Modificaremos um pouco a austeridade de linhas de alguns velhos estadistas aposentados em homens de bem, e se nos sobrar esforço, corrigiremos por exemplo a myopia do sr. José Luciano de Castro e, do mesmo passo, o estrabismo convergente do sr. José Dias Ferreira.

Tão risonhos personagens não deixarão de contribuir para afirmar a indole jovial d'este semanario.

Afim de simplificar a sua obra, o caricaturista e o auctor d'estas linhas accordaram não ligar o menor credito ás palavras do sr. Alves Correia sobre a supposta decadencia das instituições e a immoralidade dos costumes politicos da nação. Ficou assente entre os dois que a *Vanguarda* e o *Paiz* são apenas manifestações de bilis plebeia, irritada pela gloria crescente do regimen actual e pelo progressivo prestigio dos seus homens. Ficam pois, advertidos, o publico e as pessoas interessadas n'esta deliberação, de que n'este jornal não se levantarão campanhas de moralidade. Pode igualmente tranquilisar-se a policia — não seremos nós que iremos reclamar-lhe os relógios apprehendidos e que retirar em seu poder. Relógios e consciencias — em paz!

Certos symbolos, como até certos vocabulos, merecerão o especial cuidado do nosso lapis e da nossa

penna. Assim, *verbi gratia*, não deixaremos de argumentar com a pessoa do actual reinante em favor da doutrina do Direito Divino, como já ousámos fazer no presente numero, e pelos patentes beneficios da dictadura em vigor affirmaremos a necessidade e a proficuidade dos Golpes de Estado.

A Corôa nada tem a receiar da obra que hoje encetamos. Ella merece-nos o mesmo respeito que nos inspira o chapéu alto do soberano e se não nos aventuramos a dar gebadas n'este, tampouco nos propomos amolgar aquella.—Perante o nosso common criterio, uma corôa de rei é um chapéu alto que passou de moda, mas em todo o caso um chapéu, e, como tal, irresponsavel e inviolavel.

Não investigaremos, como indiscretamente o fez o poeta Guerra Junqueiro, se o throno é ou não constituido de taboas de pinho. Para nós como para a maior parte dos espiritos alimentados pela lenda tocante do Velho Regimen, o Throno continuará a ser o que sempre foi, isto é, a poltrona mais confortavel em que é dado a um homem sentar-se. Tampouco inquiriremos o que se passa por debaixo da capa d'el-rei, como pela mesma forma indiscreta já o fez o virulento pamphletario Mariano de Carvalho. Basta termos apurado que el-rei a traz aos hombros, para sabermos o que se encontra por baixo. Isto é intuitivo. Do mesmo modo nos cohibiremos de representar ou emitir palavras cujo sentido ou alcance possam parecer equivocos.

Os symbolos representam muito, mas certas palavras significam ás vezes ainda mais. A palavra *candieiro* por exemplo, não é um symbolo; todavia, o que não pode representar!

A palavra *liberdade* fica banida das nossas columnas e não a admittiremos quer ella nos appareça envolta em subterfugios litterarios, quer se insinue ao nosso espirito no clarão, por vezes deslumbrador, de figurações apparatusas. A deusa Liberdade de ha muito que nos habituámos a vê-la prostituida pelos calabouços do Governo Civil. O governo fez bem em matricular-a — permita-se-nos a expressão. Poujou-nos á vergonha de a ver andar por essas provincias a offerecer-se em comicios, e em Lisboa a dormir pelas escadas das redacções dos jornaes da Colligação.

O DIREITO DIVINO DOS TEMPOS ANTIGOS

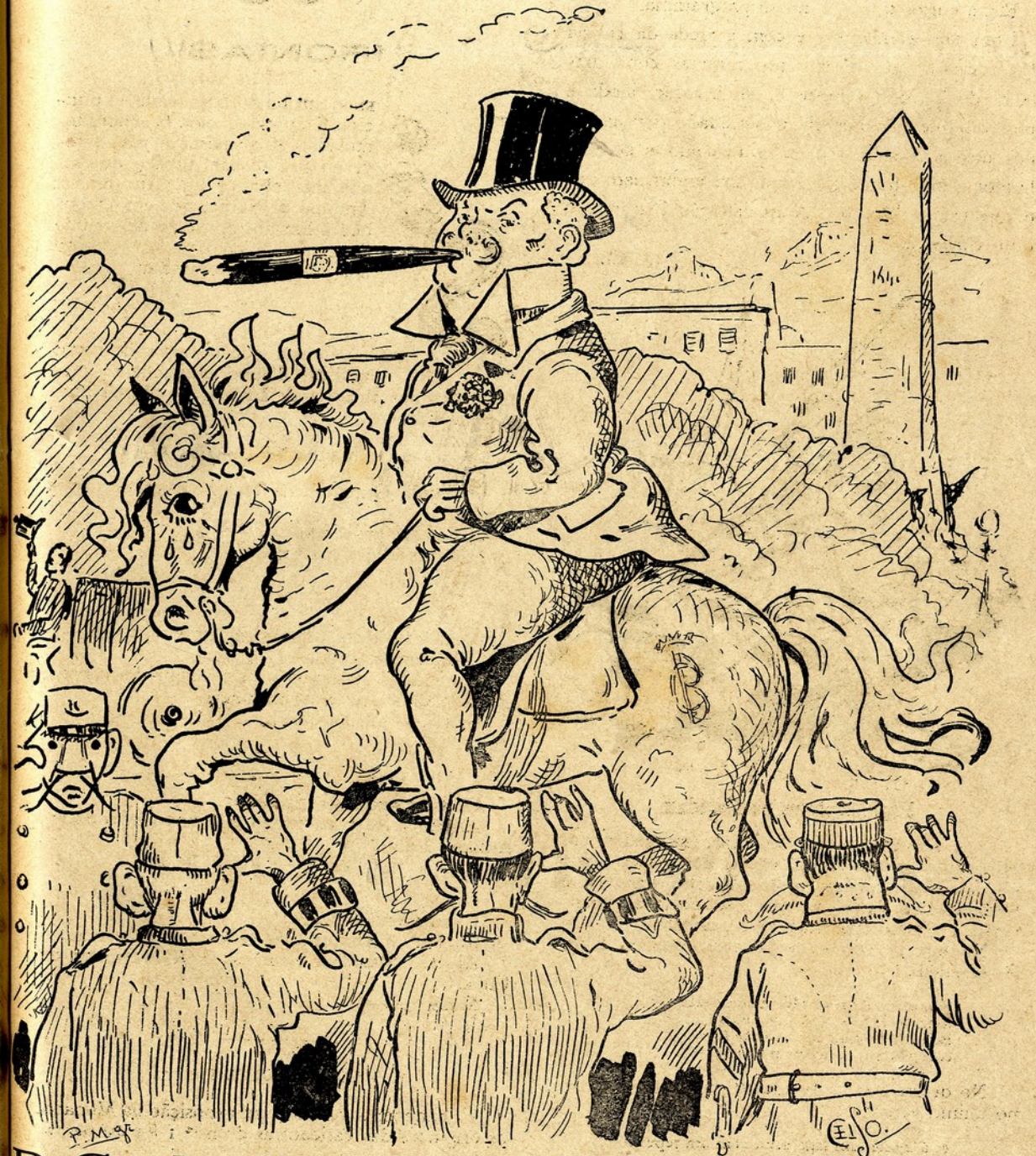


P. Martins Sgr.

Eljo Hum

D. Affonso IV na Batalha do Salado

O DIREITO DIVINO DOS TEMPOS MODERNOS



P.M. Sgr.

Eljo

D. Carlos I na Avenida da Liberdade

As palavras *Justiça, Expição, Penitenciária, Limoeiro*, serão para nós meras abstracções. O que desde já admittimos como verdades reveladas para a nossa consciencia como para o dictionario do Roquette são — *Impunidade, Arcada, Pandega, Avenida, S. Carlos, Folia, Patuscada*.

Eis, a curtos traços, o nosso programma.

Com taes elementos, e com a ajuda da Divina Providencia, que n'estes programmas como nas falas do Throno sempre é util invocar, ainda é possivel que façamos rir a sociedade portugueza dos nossos dias, tão sujeita a alternativas de bom humor e máu humor, segundo lhe annunciam que o que está á bica é a Administração Estrangeira ou o *Guerrita*.

J. CH.



Mephistopheles no Macadam

Nos sonetos de Gomes Leal, encimados com este titulo saíram alguns erros, dos quaes alguns são facéis de corrigir, como Itambul em vez de Stambul, mas outros alteram o sentido, ou erram o verso, e d'estes citaremos os seguintes:

No terceiro soneto, a primeira quadra devêra lêr-se assim:

Seu nariz é um castello culminante
todo de ferro e aço como Eiffel...
Bélus déra uma ceia estonteante
com flautis, tamboris n'essa Babel.

No quinto soneto o tercetto final devêra ler-se,
no ultimo verso:

e, á frente, um lago azul, com um repuxo!...



IRONIAS



ENDO attribuido falsamente ao principe Krapotkine uma brochura intitulada—*A conquista do pão*, o governo vae tornar publico que semelhante obra é da lavra do sr. Antonio de Serpa, que em tempos deu á luz um opusculo de sentido congener e cujo titulo o decêro nos inhibe de pronunciar.

Consta que o auctor de varias revistas d'anno ultimamente premeditadas nos theatros de Lisboa é o mesmissimo sr. João Franco.

O regulo Gungunhana traz comsigo seis mulheres.

O Estado, proxeneta.
Não nos faltava mais nada!

A irmã Collecta, applaudida em Braga pela policia — dizem os jornaes.

Por outras palavras — a cravagem de centeio erigida á altura de uma instituição.
Gloria ao sal d'azedas!

Os *Commentarios*, de Cesar.
Annuncia-se para breve este novo livro do sr. Antonio Ennes.

Ultimas exonerações:
Raphael d'Andrade, de Governador da India.
Arsenio Martinez Campos, de Governador de Cuba.
Maus ventos!

EXPEDIENTE

Continuam á venda e em exposição na Monaco, os originaes das caricaturas do n.ºs 1 e 2 do *Berro*.



Historia d'um Palhaço

E' um romance original e extranho onde Raul Brandão, com um largo talento, risca, n'uma intensidade sombria e tragica, as luctas d'uma alma em combate com as duresas da Vida barbara, mesquinha e rude. Tem sobre todos os livros da nova geração, até hoje publicados, a rara qualidade de ser uma obra sincera e vivida.

Todos encontram n'elle uma facêta da alma, apaixonadamente sentida e soffrida: e assim—n'uma vasta synthese psychologica de todo o sentimentalismo dolorido, a *Historia d'um Palhaço* nos prende n'uma grande communhão de soffrimento.

DEFUNTOS



A arte e a litteratura portuguezas, participam aos seus amigos que foi Deus servido levar da vida presente, José Duarte Ramalho Ortigão, escriptor publico, evangelista, critico d'arte e de costumes.

O prestito sahirá da Bibliotheca da Ajuda.



OPERA PHOT

CHIMICAPINHO
RUA DA FÉ-18
LISBOA

P. MARINHO & C.

LIVROS RECEBIDOS:

(A noticiar especialmente no proximo numero.)

- Afonso Gayo
- Guerra Junqueiro
- João Perez
- Martinho de Brederode
- COROA D'ESPINHOS
- PATRIA
- A VIDA SIMPLES
- CHARNECA

ASSIGNATURAS

Continente e ilhas	
Anno.....	1\$000
Semestre.....	\$500
Trimestre.....	\$250
Africa	
Anno.....	2\$000
Paizes fóra da convenção postal	
Anno.....	4\$500
Brazil	
Anno.....	10\$000

ANNUNCIOS

Linha.....	20
Repetidos, por contracto.	



Galeria Monaco

ROCIO

Ilustrações
Jornaes
Livros
Tabacos

E... TUDO

Toda a correspondencia diri ida ao administrador R. Napoles, Rua da Barroca, 60, 1.º.—Editor. Paulo da Fonseca.

Typ. GUEDES — ARCO DO BANDEIRA, 64 a 70 — LISBOA